

**A LINGUAGEM EM PERSPECTIVA DIALÓGICA:
PENSANDO A PRODUÇÃO DE SENTIDOS****LANGUAGE IN A DIALOGICAL PERSPECTIVE:
THINKING ABOUT THE CONSTRUCTION OF MEANINGS**Tamiris Machado GONÇALVES¹

RESUMO: Com vistas a discorrer sobre a produção de sentido, considerando uma perspectiva de linguagem em uso, apresentam-se os conceitos de *discurso*, *signo ideológico*, *enunciação* e *diálogo*. Tais conceitos compõem a metalinguagem proposta por intelectuais que têm a interação como tema filosófico e uma visão de mundo pautada no dialogismo constitutivo do sujeito, do discurso e dos sentidos. Para ilustrar os conceitos apresentados ao longo do texto, e pensar sobre a produção de sentido, é analisado um enunciado à luz do método sociológico orientado pelos pressupostos bakhtinianos. Espera-se com as discussões levantadas contribuir para a socialização da teoria dialógica do discurso, bem como para a reflexão de um trabalho de Língua Portuguesa ancorado em uma perspectiva discursiva a fim de motivar a prática escolar a partir de uma abordagem de linguagem em uso.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria bakhtiniana. Discurso. Linguagem em uso.

ABSTRACT: In order to discuss the construction of meanings from a language in use perspective, the concepts of *discourse*, *ideological sign*, *utterance* and *dialogue* are presented. Such concepts are a part of the metalanguage proposed by intellectuals who have the interaction as a philosophical theme and a worldview based on the constitutive dialogism of the subject, the discourse and meanings. To illustrate the concepts presented throughout the text, as well as to reflect about the construction of meanings, one utterance will be analyzed according to the sociological method guided by the Bakhtinian theory. The results expected from the discussions raised are to contribute to the socialization of a dialogical theory of discourse, as well as to reflect about the teaching of Portuguese anchored in a discursive perspective, as to motivate a school practice based on a language in use approach.

KEYWORDS: Bakhtinian theory. Discourse. Language in use.

Primeiras palavras

Os estudos linguísticos desdobram-se em diferentes perspectivas, ancoradas em paradigmas diversos. Neste artigo, trataremos da Teoria Dialógica do Discurso, cujas ideias são o resultado das inquietações de intelectuais que fizeram parte do chamado Círculo de Bakhtin. Uma maneira dialógica de observar o mundo foi o postulado central deixado por esse grupo de pensadores russos.

1. Doutoranda em Letras, foco Linguística, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Bolsista CNPq. Bolsista Fundación Carolina. E-mail: mtamiris@gmail.com.

Apesar da dificuldade de acesso aos textos, das polêmicas em torno da autoria e da turbulência quanto à ordem assimétrica que as ideias de seus autores foram sendo conhecidas, é inegável que o Círculo de Bakhtin constitui painel teórico para a observação de objetos de estudo em diferentes áreas do conhecimento. Basta ver as publicações, em diferentes línguas, que tecem sua fundamentação teórica a partir dos postulados advindos do Círculo, e com eles edificam um tenso diálogo – da filiação à negação.

Este artigo oferece um exemplo de discussão linguística fundamentada em um ponto de vista discursivo, a partir das ideias do Círculo de Bakhtin. Assim, discorreremos sobre como essa teoria é oportuna para olhar os fenômenos da linguagem por meio de uma perspectiva que intersecciona uso, contexto, parceiros da comunicação discursiva e suas relações para entender a produção de sentidos.

Dentro da limitação de um artigo e com a finalidade de alcançar o objetivo proposto, são expostos os conceitos *discurso*, *dialogismo*, *enunciação* e *signos ideológicos*, de modo a comentar suas noções no intuito de dar pressuposto para a compreensão do exemplo que é apresentado na discussão. Nesse ato, queremos levantar questões sobre a construção do sentido desde um ponto de vista discursivo-dialógico e ponderar sobre uma identidade de ensino de Língua Portuguesa pautada na noção de linguagem em uso.

Mesmo que existam muitos bons materiais de introdução às ideias bakhtinianas, e tantas outras obras de autores brasileiros que, seja em livros, artigos, dissertações ou teses, tentam estreitar o contato do leitor com os pressupostos dessa vertente de pensamento, sempre é oportuno colocar em discussão um novo objeto. Isso porque, como explica Charaudeau (2008, p. 15-19), devido às particularidades de cada sujeito-pesquisador, frente à determinada teoria, o que temos são olhares novos; caminhos escavados em exemplos para compreender a abstração teórica. Como a linguagem não é transparente – se entendida como um ato de interação entre sujeitos sócio-históricos –, todas as análises são válidas porque promovem discussão.

A partir das reflexões advindas da teoria bakhtiniana, esperamos propiciar um espaço para pensar as práticas de linguagem a partir de um viés discursivo, no intuito de demonstrar que essa teoria oportuniza edificar o pensamento crítico nas aulas de Língua Portuguesa, uma vez que saber quem disse o quê; como disse; quando disse; e o que teve como resposta são questões importantes para a construção de argumentos para analisar discursos sociais. Nesse sentido, as práticas escolares, por meio da abordagem dos mais variados gêneros discursivos, podem motivar a leitura crítica que ultrapassa as linhas superficiais da materia-

lidade discursiva (o texto) e a entende junto a seu contexto social, em meio a sua esfera de circulação e em relação aos fatos que lhes são contemporâneos.

Quanto à organização, ademais desta introdução, este artigo apresenta a seção “*Perspectivas...*” em que apresentamos uma das ideias em relação às quais o Círculo de Bakhtin se opõe para edificar sua teoria; depois, na subseção intitulada “*A linguagem em perspectiva dialógica*”, são mencionadas as noções basilares para a compreensão dos sentidos veiculados no exemplo que trazemos para a análise; e, por fim, apresentamos a conclusão, que visa ao fechamento da discussão levantada neste artigo ao mesmo tempo em que dá lugar à atitude responsiva de outros pesquisadores que queiram dialogar com as ideias arroladas neste texto. Após a conclusão, são apresentadas as referências citadas no texto.

Perspectivas...

Ao longo da história que envolve os fenômenos da linguagem, muitas teorias surgiram, cada uma com seu objeto de estudo definido e todas com consequências na forma como os pesquisadores olham seu objeto de trabalho. Pensemos nos estudos descritivos realizados por Ferdinand Saussure, estudioso que inseriu a Linguística no ramo da ciência – e que o Círculo de Bakhtin considerou em suas reflexões.

Em uma perspectiva científica, pautada no racionalismo do século XIX, Saussure – cujas ideias tivemos acesso por meio da publicação póstuma do *Curso de Linguística Geral* e, posteriormente, *Escritos de Linguística Geral* –, nos primeiros anos do século XX, delimitou que o objeto de estudo da Linguística seria a língua, entendida como um sistema de normas, de signos, utilizado como meio de comunicação entre os membros de determinada comunidade. De caráter social – porque é compartilhada entre falantes de um mesmo idioma –, a língua, segundo Saussure, é um conjunto estável de leis que se impõem ao indivíduo enquanto norma. Por sua sistematicidade e autonomia, a língua é passível de ser estudada em si mesma e por si mesma (o chamado estudo imanente da língua).

Embora no *Curso de Linguística Geral* seja reconhecido que a linguagem é constituída de língua e fala, os estudos estão centrados na noção de língua, por ser esta homogênea, existir na e para a coletividade e ser duradoura. Essas características constituem condições de possibilidade de análise científica, nos moldes da ciência na época do *Curso*. Tendo o livro a investigação centrada na língua, o caráter individual da linguagem, a fala, foi, então, deixado de fora e nesse ato também não foram contempladas as noções de sujeito, sociedade e língua em

uso. Sendo assim, durante muito tempo, devido ao recorte teórico de Saussure, os estudos pautaram-se no sistema linguístico, nas normas que o constituem, e o sujeito foi excluído dos debates, bem como a diversidade, a realidade concreta, o caráter inovador inerente ao ato individual e criativo da linguagem.

É oportuno ressaltar que isso só pode ser dito no que se refere ao *Curso*, pois com a publicação dos *Escritos de Linguística geral* a proposta de Saussure poderia ter sido interpretada de outro modo. A *Nota sobre o discurso* que consta no livro demonstra que o discurso havia, sim, sido pensado por esse estudioso, apenas não foi seu objeto de pesquisa. Conforme nos alerta Barbisan (2013, p. 163-166), “uma leitura atenta desse texto mostra o quanto é complexa a natureza da linguagem”. Nos *Escritos de Linguística Geral*, Saussure (2012, p. 235) aborda a relação entre *língua* e *discurso* e se preocupa em compreender como a língua torna-se discurso.

Como nos lembra Depecker (2012, p. 11-28), Saussure é a incógnita de proporções grandiosas: foi quem lançou as bases da linguística moderna por um lado e por outro foi autor de um curso que não escreveu. “Saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?” (2012, p.14). Para o autor (p. 22), Saussure foi lido de maneira parcial porque os manuscritos que eram capazes de apontar traços de seu pensamento surgiram posteriormente, requerendo que se monte o quebra-cabeça para delinear algumas conclusões.

Assim, como os manuscritos que deram origem aos *Escritos de linguística geral* só foram descobertos em 1996, a publicação que impulsionou as bases da linguística moderna foi o *Curso de linguística geral* e o século XX teceu suas críticas sobre esse livro. Foi nessa perspectiva que, meio a um tenso diálogo, outras reflexões apareceram no que tange aos estudos de linguagem. As discussões em torno da dita dicotomia *língua* e *fala* foram ampliadas e foi sentida, ainda mesmo no século XX, a necessidade de se discutir acerca do lugar do discurso. Nesse sentido, teorias enunciativas e discursivas surgiram e, sob diferentes perspectivas, passaram a desenvolver reflexões tendo como base o entendimento de que “a língua e o emprego da língua são indissociáveis” (DI FANTI; BARBISAN, 2012, p. 08).

Destacamos, nessa direção, os estudos de Bakhtin e seu Círculo. Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p 71-92)², em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, levanta questionamentos acerca de qual seria o objeto da filosofia da linguagem, qual sua natureza concreta e qual metodologia empregar para estudá-lo.

2. Neste artigo, não entramos na discussão acerca da autoria dos textos considerados disputados. Assim sendo, citamos os nomes conforme as referências consultadas apresentam. No caso de *Marxismo e filosofia da linguagem*, por exemplo, temos um autor, mas a menção de dois nomes, por isso Bakhtin/Volochínov. Como a questão autoral discute se um ou outro é o autor, não acreditando em dupla autoria, os verbos são colocados no singular - a julgar pela própria apresentação do livro, feita por Roman Jakobson, que traz verbos no singular.

Ao longo de suas explicações, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009) afirma que o método sociológico seria adequado para tratar da linguagem, porque parte da análise da interação verbal em relação com suas condições de produção para, então, alcançar a análise das formas da língua. Em seguida, o autor estabelece um debate com uma orientação do pensamento filosófico-linguístico do século XX, a qual foi pelo Círculo denominada *objetivismo abstrato*.

No objetivismo abstrato, o que norteia os fatos da língua e faz dela uma ciência é o *sistema linguístico*, entendido como “*o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais*” (p.79, itálico do autor). É, pois, a língua compreendida como um produto acabado, estável, um conjunto permanente de normas abstratas que só têm valor entre si.

Opondo-se a essa visão, Bakhtin/Volochínov entende que a língua, por ser dinâmica, só pode ter sua concretização na enunciação³, materialização da interação entre sujeitos ativos. Nota Bakhtin/Volochínov que:

[...] na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística ([1929] 2009, p. 98).

Nessa perspectiva, podemos perceber que a língua constrói-se a partir do discurso, daqueles usos que determinada sociedade faz das palavras que se utiliza. O sistema linguístico advém do uso, do discurso. Em um movimento contínuo e circular, discurso e sistema constituem-se e são constituídos um a partir do outro. Com base no uso, o sistema linguístico se constrói e o discurso é edificado devido à sistematização que se dá ao longo do tempo, e da atualização que acontece no momento da enunciação.

Em oposição às tendências filosófico-linguísticas da época, Bakhtin/Volochínov ([1929] 2009, p.45) apresenta que no estudo dos signos não devemos sepa-

3. No ensaio *Os gêneros do discurso*, há uma nota de rodapé dos tradutores explicando que “Bakhtin emprega o termo *viskázivanie*, derivado do infinitivo *viskázivat*, que significa ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras. O próprio situa *viskázivanie* no campo da parole saussuriana. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* (Hucitec, São Paulo), o mesmo termo aparece traduzido como ‘enunciação’ e ‘enunciado’. Ocorre que Bakhtin não faz distinção entre enunciado e enunciação, ou melhor, emprega o termo *viskázivanie* quer para o ato de produção do discurso oral, quer para o discurso escrito, o discurso da cultura, um romance já publicado [...]” (BAKHTIN, [1979] 2011, p. 262). Souza (1999, p. 85), a respeito do mesmo tema, menciona que nas edições francesas e brasileiras os termos *enunciação* e *enunciado* equivalem-se.

rar a ideologia de sua realidade material, nem dissociar o signo de suas formas concretas da comunicação social, tampouco desassociar a comunicação e suas formas de sua base material. Essas são atitudes que mantêm a análise dos signos sempre vinculada ao seu contexto de aparição. Com essas reflexões, o Círculo propõe que o signo origina-se de um processo de interação, por isso sua constituição enquanto signo ideológico está sujeita às condições sociais e à situação em que a interação acontece. Por esse motivo não pode ser estudado como aspecto linguístico isolado. E justamente nesse sentido, ao acrescentar à palavra *signo* o adjetivo *ideológico*, o Círculo delinea um conceito que se distancia da noção de signo saussuriano (a junção entre um significante e um significado que se dá por relações de oposição dentro de um sistema: x é o que y não é).

Toda essa explanação nos demonstra quanto o Círculo se afasta de teorias como o objetivismo abstrato. Assim, o sistema estável não pode ser a essência da língua/linguagem. Tampouco o modo de existência dela está na imutabilidade das normas dentro do sistema. Isso porque a linguagem é um fenômeno dinâmico: existe o aspecto reiterável da forma linguística, mas também há o evento, o novo que permite a construção de diferentes sentidos, o que garante a renovação dos signos (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929], 2009, p. 72; 73; 92).

Esse aspecto novo edificado no todo da enunciação – e somente nele – não está no sistema, porque o novo se edifica na relação entre signos da língua, gestos, parceiros da comunicação discursiva, tom de fala, entonação, contexto do discurso; referências que o sistema – na perspectiva saussuriana – não comporta. Na visão dos postulados do Círculo, os sentidos produzidos por sujeitos históricos, culturalmente situados, relacionam elementos internos e externos ao sistema linguístico.

Bakhtin/Volochínov ([1929], 2009, p. 133-141) ressalta que a enunciação constitui-se dessas duas faces: o dado e o novo. O dado contempla os elementos reiteráveis e idênticos, que ele denomina significação. Já o novo é a noção de tema que tem por base a expressão dinâmica, singular e dialógica da enunciação. Assim sendo, a significação é o conjunto de significações que os elementos linguísticos carregam, são os elementos abstratos fundados por meio de convenções sociais. Portanto, a significação é o “aparato técnico para a realização do tema” (p. 134), sempre dinâmico e complexo por estar atrelado às condições de sua produção. O tema, pois, é o sentido(s) oriundo(s) da enunciação concreta, depende de todo o momento em que é produzido; requer elementos verbais e não verbais (expressões, gestos, sinais, movimentos de mão, de sobranceiras etc.); solicita toda a interação entre o *eu* e o *tu*. Tema e significação complementam-se, um não existe sem o outro.

A reflexão apresentada por Bakhtin/Volochínov em *Marxismo e filosofia da linguagem* não pretende tirar a credibilidade dos estudos desenvolvidos pela tendência intitulada *objetivismo abstrato*, senão assinalar que pode haver outra “via de enfrentamento das questões da linguagem, que não se restringiria à formalização abstrata nem às especificidades dos talentos individuais” (BRAIT, 2005, p. 95-96). Dentre tantas possibilidades teóricas existentes, a teoria do Círculo de Bakhtin é uma delas.

Na subseção seguinte, trataremos de questões de linguagem para o Círculo de Bakhtin, cujas ideias deram origem a uma perspectiva de análise dialógica do discurso, a partir de um paradigma social que compreende a linguagem desde um ponto de vista dialógico e enxerga a construção do sujeito, do discurso e dos sentidos, em relação, por meio da alteridade.

A linguagem em perspectiva dialógica

Com bases sólidas, metodologia específica circunscrita em um paradigma sociológico e metalinguagem particular, na teoria de Bakhtin, o discurso teve foco; refletiu-se sobre a tessitura “das milhares de linhas dialógicas” (BAKHTIN, 2015) que estão em relação quando da edificação do enunciado vivo, estruturado em razão de certos interlocutores, de particulares motivações temáticas e em meio a um contexto social e histórico específico.

Ademais, disponibilizou pressupostos para viabilizar o estudo do vínculo entre o *eu* e o *outro* em atuação nas mais diversas esferas da atividade humana. Além disso, oportunizou o entendimento de questões valorativas advindas da língua/linguagem em uso, oriunda de sujeitos históricos. Isso tudo deu aos estudos da linguagem roupagem axiológica.

Teoria enunciativa bakhtiniana, teoria da enunciação bakhtiniana, teoria dialógica e teoria dialógica do discurso são algumas das formas de se referir ao constructo teórico oriundo de Bakhtin e seu Círculo. Segundo Faraco (2009, p. 13), o grupo era multidisciplinar, composto por pensadores com diferentes formações e interesses, que se reuniram regularmente de 1919 a 1929 na Rússia. Os integrantes que mais se dedicaram aos estudos da linguagem são Mikhail M. Bakhtin, Valentin N. Volochínov e Pavel N. Medvedev.

Ainda de acordo com Faraco (2009, p. 13), a denominação de Círculo de Bakhtin “foi-lhes atribuída *a posteriori* pelos estudiosos de seus trabalhos, já que o próprio grupo não a usava”. São considerados os eixos nucleares do pensamento bakhtiniano a unicidade do ser e do evento, a não separação do

mundo da teoria do mundo da vida, a relação eu-outro e a dimensão axiológica inerente ao ser humano (p.18).

Pensemos em cada uma dessas afirmações. Quando é colocada a questão da unicidade do ser e do evento, há a necessidade de se compreender que na subjetividade está o ato único, irrepitível, singular; o ser é entendido como um evento único. Isso significa dizer que enquanto ser sócio e historicamente situado, agindo na concretude de determinada esfera de comunicação discursiva, o sujeito é único. Ademais da unicidade do ser, o evento também é único porque o ato em si, esse agir humano sob determinada circunstância, é que é único e irrepitível. Por concreto, leia-se real, qualidade alcançada apenas no momento da enunciação; por isso irrepitível.

No que tange à separação do mundo da teoria do mundo da vida, Bakhtin ([1920-1924] 2010) observa que esses dois mundos estão afastados porque o fazer científico desloca o sujeito de sua subjetividade. À razão teórica não cabe o singular, mas o genérico, o universal. Criticando o que chama de teoreticismo, o autor explica que o pensamento abstrato separa o conteúdo do ato de sua eventicidade, isto retira do agir humano a realidade irrepitível (dada pela singularidade: é o sujeito que age frente à pontualidade do momento enunciativo), a fim de torná-lo objetivo. Isso significa dizer que, para tornar o objetivo passível de ser observado cientificamente, de acordo com um paradigma racional-positivista, é necessário isentá-lo de subjetividade, heterogeneidade, parcialidade e de tudo o que o torne singular.

Bakhtin ([1920-1924] 2010) demonstra que a existência do ser está na relação eu-outro, e que a alteridade é qualidade constitutiva do ser, dos sentidos, do discurso. É sob essa perspectiva dialógica que a teoria preconiza que o próprio objeto (de que se fala) não pode ser separado de seus laços constitutivos. Nascimento (2015, p. 76) destaca que, quando o mundo da vida e o mundo da teoria estão alinhados, estamos olhando para os atos humanos em sua singularidade e não apenas tecendo um pensamento de juízo com validade universal – comum ao teoreticismo (paradigma positivista). Assim, na concepção do Círculo, a ciência teria de contemplar a unicidade do ser e do evento, não podendo ser despersonalizada. Motivados por isso, os pensadores fazem ([1929] 2009, p. 71-92) uma crítica ao racionalismo, quanto à sua maneira de compreender a língua.

Dando sequência ao que Faraco aponta como os eixos do pensamento bakhtiniano, na relação eu-outro também perpassa a questão da unicidade do ser e do evento. A singularidade é, pois, sempre plural. Da relação eu-outro advêm nossas particularidades, já que o ser se constitui sempre por meio das relações sociais. É na interação eu-outro que se constrói o sujeito; é por meio da alteridade

que nos reconhecemos. Isso acontece porque o *eu* e o *outro* configuram diferentes universos axiológicos que dão diferentes perspectivas à maneira como cada um observa o mundo. Nesse momento já estamos tratando da dimensão axiológica que compõe o ser humano, ou seja, o universo de diferentes valores em que estamos circunscritos. Notemos que os conceitos estão interligados, pois para que se estabeleça algum conjunto de valor é necessária a existência da relação eu-outro; por isso a alteridade é constitutiva da dinâmica do pensamento bakhtiniano.

Essas são noções que vão formar as bases de uma filosofia dialógica, uma forma de observar o mundo. O Círculo está preocupado em lidar com um sujeito concreto, real, singular. A interação um/outrem, no sentido de que o comportamento de cada indivíduo é estímulo para o outro, é o alicerce de uma teoria que acredita que tudo está pautado no diálogo permanente.

O diálogo é eixo norteador da teoria do Círculo. No entanto, quando se fala nessa noção não se está abordando o diálogo como interação face a face, como forma composicional como os diálogos de um romance, por exemplo, ou ainda como modo de resolução de conflitos. Para além dessas questões, o diálogo é visto como um movimento de tensas relações de sentido. O diálogo em sentido restrito é apenas uma das manifestações dialógicas que está contida na proposta de diálogo no sentido amplo: as complexas relações sociais e as valorações que delas emanam. Bakhtin/Volochínov afirma que

[...] o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja ([1929] 2009, p. 127).

Assim, o pensamento bakhtiniano está fundado no *dialogismo*, esse princípio constitutivo do sujeito, do discurso, da linguagem, do sentido, justamente porque tem a alteridade como pilar. É na influência recíproca entre dois ou mais elementos que o dialogismo tem lugar, porque a relação com o outro é constitutiva.

Bakhtin ([1975] 2002, p. 88) enfatiza que a natureza dialógica é um fenômeno de todo discurso, pois em “todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”. Assim, podemos dizer que o sujeito está inserido em uma complexa sociedade rodeada por discursos, com os quais está em permanente diálogo.

A compreensão da linguagem como um processo dialógico inconcluso que requer a permanente relação com o outro só pode existir no momento em que há o entendimento de que ela é produto da atividade humana em sociedade. Isso porque a linguagem é constituída de enunciações que estão no meio social, que são a materialização verbal de sujeitos localizados em um tempo e um espaço definidos. A enunciação acontece a partir da inter-relação entre enunciações de sujeitos históricos. Sendo assim, não há enunciado inédito ou isolado, todo o enunciado se relaciona com outros que o antecedem ou o sucedem (a isso se refere Bakhtin ao dizer que nenhum falante é um Adão). Para Sobral (2009, p.33),

[...] o conceito de dialogismo, vinculado indissolúvelmente com o de interação, é assim a base do processo de produção dos discursos e, o que é mais importante, da própria linguagem: para o Círculo, o locutor e o interlocutor têm o mesmo peso, porque toda a enunciação é uma “resposta”, uma réplica, a enunciações passadas e a possíveis enunciações futuras, e ao mesmo tempo, uma “pergunta”, uma “interpelação” a outras enunciações: o sujeito que fala o faz levando o outro em conta não como parte passiva mas como parceiro – colaborativo ou hostil – ativo. (aspas do autor).

O dialogismo, por conseguinte, é condição para a linguagem e para a constituição do sujeito como ser social. Isso porque é a partir das interações com outros seres sociais que temos contato com a linguagem, a partir dos usos nas mais diferentes situações comunicativas a que somos expostos. Também nesse processo de interação com outros seres vamos nos constituindo como sujeitos. O dialogismo é constitutivo da linguagem, dos discursos, do ser, pois não há nenhuma dessas noções senão por meio da relação de diferença com o outro.

Nessa concepção, a noção de linguagem/língua é entendida como um fenômeno vivo que se nutre do contínuo desenvolvimento social. Esse movimento dá-se sempre no processo de relação entre sujeitos, a partir dos intercursos comunicativos por meio dos quais são elaborados os mais diversos tipos de enunciações, correspondentes aos diferentes tipos de *intercâmbios comunicativos*, isto é, as distintas maneiras de comunicação discursiva advindas do meio social. Os tipos de intercâmbios comunicativos constroem, organizam e completam, a partir de si, a forma composicional e o estilo dos tipos relativamente estáveis de enunciados, a saber, os gêneros do discurso.

O entendimento de que a vida social alimenta o discurso, dando condições à constituição da linguagem, é o norte que não permite que a compreendamos como algo morto ou encerado em um dicionário, bem como autoriza que se conceba a enunciação e todos os fenômenos a ela envolvidos como uma *gota no rio da*

comunicação verbal, entendida como um processo ininterrupto da vida social. Por isso, qualquer enunciação tem de ser compreendida tendo em conta seu vínculo com o tempo histórico da própria enunciação.

Assim, o fato social da interação verbal, representado por uma ou mais enunciações, é a essência da linguagem, dele advém a mutação das formas da linguagem, que tem como unidade real o enunciado. Qualquer situação da vida que culmina em uma enunciação terá dois participantes que nascem juntos, o falante e o ouvinte, e nesse ato está a característica de que a enunciação é orientada para o outro. A presença – física ou pressuposta – desses *outros* na situação de interação verbal é chamada, na teoria do Círculo, de *auditório*.

Na vida social, cada situação vivida apresenta um auditório particular e, relacionado a esse auditório, um repertório de gêneros, que são sempre parte do *ambiente social* que promove os intercâmbios comunicativos que se dão nas diferentes esferas discursivas. Dessa maneira, os gêneros carregam o caráter axiológico que o estilo, o tema e a composição social do intercâmbio comunicativo deixam entrever. O gênero coincide com o ambiente social e todos os seus aspectos são determinados por ele (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 245-250).

Na observação dos gêneros do discurso, podemos perceber que a comunicação verbal, materialização discursiva em que os gêneros nascem e se concretizam, compõe-se da enunciação realizada pelo falante e a compreensão que acontece por parte do ouvinte. “Essa compreensão contém sempre os elementos da resposta”⁴ (p.249), porque o que acontece no processo de comunicação é que estamos agindo em resposta a algo que já ouvimos, estamos tomando uma atitude responsiva frente a outras enunciações: concordamos, discordamos, isto é, agimos valorativamente sobre aquilo que ouvimos. Assim, a comunicação está pautada no intercâmbio de enunciações que se dá na forma de diálogo, entendido em seu sentido amplo como uma tensa construção de sentidos (BAJTÍN/VOLOSHINOV, [1929-1930] 1993, p. 249).

É oportuno mencionar que a estrutura da linguagem por si, para o Círculo, é dialógica porque todo discurso é constituído de outros discursos mais ou menos aparentes que formam os sentidos. Esse dialogismo, portanto, é uma propriedade da linguagem que permite a permanente relação entre os discursos, promovendo a multiplicidade de discursos ligados por ressonâncias de já-ditos, e vinculados, ao mesmo tempo, a projeções de discursos-resposta. Assim, toda a enunciação é repleta de vozes do outro, de valorações construídas nos mais diversos horizontes sociais.

4. Tradução nossa para o trecho “Esta comprensión contiene siempre los elementos de la respuesta.”.

O dialogismo está, pois, no direcionamento para o outro; na condição de ser uma resposta e ser motivador de outras atitudes responsivas. Sendo assim, cada enunciação está direcionada ao outro, à compreensão e à resposta desse outro, o que demonstra o seu inacabamento enquanto elo na cadeia da comunicação discursiva. Dessa maneira, a diferença entre o discurso dito monológico e o dialógico está em sua forma externa, haja vista que, segundo Bajtín/Voloshinov ([1929-1930] 1993, p. 250), “sua essência, sua construção semântica e estilística são dialógicas”⁵: o monólogo pressupõe um *tu* virtual (eu-tu, um *eu* que funciona como um *tu*).

Essa perspectiva leva em conta o caráter dialógico da linguagem interior. As interações verbais interiores são também dialógicas, pois são edificadas a partir da consideração de um auditório, existe um sistema de valores e pontos de vista que opera sobre um ouvinte potencial – no caso do discurso interior, o próprio sujeito assume o protagonismo de ambos os participantes: falante e ouvinte.

O conceito de diálogo faz menção à dinamicidade de toda a nossa cultura, às inter-relações com o outro, ao universo vivo e móvel de vozes que formam as ideologias das esferas discursivas. Nessa perspectiva, o sujeito será concebido como dialógico e a interação como tema filosófico vai perpassar o trabalho do Círculo. Um sujeito dialógico só pode ser definido na relação, na interação – conforme a denominação de sujeito dialógico proposta por Faraco (2009, p. 84-88).

Bubnova (2015, 07-20) explica que Bakhtin não escreveu nenhum livro específico sobre o outro. As ideias que dizem respeito à relação *eu-tu* aparecem na trama de todas as obras, desenvolvidas de diferentes maneiras sob distintos conceitos. Assim sendo, a relação de alteridade que marca *eu-tu* é a essência da própria obra do Círculo, por isso muitas das ideias disseminadas pelo grupo carregarem esse traço. A própria noção de *dialogismo* solicita a existência da relação eu-tu.

A partir de um olhar dialógico, pensar sobre o sujeito, sobre o discurso, sobre a enunciação foram questões que diferenciaram o Círculo das teorias vigentes nos estudos linguísticos de sua época. Para o grupo, “as unidades reais da cadeia verbal são as enunciações” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, [1929] 2009, p.129) e para que se consiga estudá-las é necessário observar o discurso sob o tempo histórico da enunciação, porque o discurso é constituído da trama de várias enunciações. Nesse fluxo importa observar os sujeitos em relação dialógica, interagindo para construir sentidos edificados por um centro emotivo-volitivo comum.

A enunciação parte de interlocutores que compartilham uma situação comum e agem valorativamente sobre essa situação em um movimento de intera-

5. Tradução nossa para o trecho “Su esencia, su construcción semántica y estilística, son dialógicas.”.

ção social. A importância de se considerar o objeto em sua relação enunciativa concreta é o que garante a apreensão de questões axiológicas. Na subseção seguinte, daremos um exemplo de análise sob a ótica da teoria dialógica do discurso, a fim de demonstrar como a reflexão com caráter discursivo pode fomentar a percepção da linguagem em uso.

Percebendo a teoria do Círculo a partir de um exemplo

Para ilustrar o que até aqui dissemos e pensar a respeito de como poderia ser um trabalho de Língua Portuguesa edificado a partir de uma visão de linguagem em uso, tendo por base a teoria dialógica do discurso, observemos o enunciado *nem precisa ir até em cima para criar os gominhos*.

Sob a ótica de uma análise linguística intrassistêmica – como é o caso da Teoria da argumentação na Língua, em que os sentidos advêm das relações que se dão na e pela língua, sem considerar informações contextuais –, por exemplo, talvez consigamos alcançar que esse enunciado surgiu em resposta a outro, uma vez que é iniciado por uma conjunção (nem) que, possivelmente, está em relação coordenada com outro enunciado. Essa conjunção estabelece um elo com o que deve ter sido dito anteriormente, pois o *nem* é um nexos que estabelece adição sob a forma de uma relação coordenada.

Podemos também atentar para os significados das palavras e configurar um sentido originado da relação de combinação entre os significados das palavras do enunciado em foco, tentando formular o sentido que os significados das palavras orientam nessa composição específica apresentada pelo enunciado *nem precisa ir até em cima para criar os gominhos*. Dessa maneira, aceitaríamos que através da língua e especificamente por ela as relações se configuram para edificar o discurso (BARBISAN *et al.*, 2015, p. 355).

Os sentidos, nessa ótica, são orientados pelos elementos linguísticos postos em relação no discurso. É, pois, uma explicação linguística que não requer o auxílio de elementos externos à língua; uma explicação que identifica os possíveis significados linguísticos das palavras e chega a conclusões sobre os sentidos que essa relação de encadeamento permite compor – nos limites daquilo que a coerção da própria língua como sistema imanente permite ser construído (notemos a influência das ideias de Saussure nessa teoria).

De um ponto de vista discursivo, caso observássemos apenas o aspecto verbal, não iríamos muito além das suposições apresentadas, porque estamos em posse de uma parte da informação necessária para calcular os possíveis sentidos

veiculados. A parte verbal constitui aspecto importante porque nos dá um indicativo dos significados, mas o sentido só poderá ser indagado, sob uma análise bakhtiniana, quando também tivermos posse do aspecto não verbal. Vejamos.

Pontualmente esse enunciado foi ouvido pela própria pesquisadora que escreve este artigo. O enunciado em análise é real, fora ouvido em um passeio em uma tarde de sábado, em um parque da cidade de Porto Alegre-RS. Depois de uma caminhada, sentei-me em um banco do parque e pude ver alguns meninos fazendo exercícios físicos ao ar livre enquanto outros olhavam. Estavam acompanhados de um adulto. Nunca os havia visto antes, eram, pois, pessoas aleatórias.

Especificado o contexto, eis a moldura do enunciado: em uma praça com espaço para a realização de exercícios físicos, encontrava-se um grupo de adolescentes junto de uma pessoa adulta que os orientava na prática de abdominais. Quatro meninos estavam realizando a atividade enquanto o adulto cuidava de um cronômetro, e, junto dele, quatro outros meninos observavam. Um deles, ao olhar que os colegas levantavam, com dificuldade, completamente o tronco no momento dos abdominais, disse: “*nem precisa ir até em cima para criar os gominhos*”.

Agora com a (re)construção da cena, isto é, com a reportagem do momento enunciativo composto de suas características verbais e não verbais, podemos dizer que quem enunciou o trecho demonstrado agia em resposta às atitudes dos colegas, bem como agia em resposta a discursos anteriores, relacionados ao universo dessa modalidade de atividade, em que dizem ser necessário elevar completamente o tronco para definir o abdômen. O enunciado também está em relação dialógica com os discursos que enunciam o ato de elevar pouco o tronco e obter o resultado da definição do abdômen. É importante ressaltar que, ao “transcrever” tal enunciado neste artigo, ele já se constitui como um novo enunciado, não é mais aquele mesmo do momento de produção em que os meninos faziam abdominais, eu olhava a cena e ouvia a conversa. Isso porque, como a própria teoria postula, cada enunciado é único e irrepitível do ponto de vista de seu conteúdo vivido no momento enunciativo do qual participam os sujeitos envolvidos naquela situação – a (re)construção da cena e o contar desse fato está atravessado por minha percepção; já não é mais o momento enunciativo em si, mas uma menção dele; não esqueçamos disso.

Nesse jogo construído entre os discursos anteriores ao enunciado *nem precisa ir até em cima para criar os gominhos*, bem como aos projetados por ele, temos um movimento de tensão entre negação e concordância, marcações de filiação e reprovação a discursos que estão nas mais diferentes esferas discursivas. Quando olhamos o sujeito envolvido no enunciado, podemos compreender que o que

foi dito está em tensão com discursos sociais diversos tais como: necessidade de praticar atividades físicas, saúde *versos* vaidade, prática *versos* eficiência, certo e errado no que tange à prática de abdominais, diferentes correntes teóricas de atividades físicas presam determinados movimentos para alcançar resultados específicos e assim por diante.

Todas essas vozes são evocadas pelo enunciado ouvido e formam uma trama de sentidos que apoia o discurso *nem precisa ir até em cima para criar os gominhos*, ao mesmo tempo em que é parte de uma imagem cultural que permite a construção dos sentidos veiculados especificamente na cena descrita. A localização do sujeito no tempo e no espaço é importante para identificar a trama de vozes que serve de contexto para o entendimento das tensões de seu discurso.

Dessa maneira, não estamos olhando o signo saussuriano, mas sim o *signo ideológico* repleto de valorações culturais tonalizadas por tudo o que compõe o momento enunciativo: o dado e o novo; o reiterável e o irrepetível; o verbal e o não verbal. O momento enunciativo constrói entre os parceiros da comunicação discursiva sentidos negociados *in locu*, apoiados pela trama de enunciações que está tecida (com apoio de discursos passados), mas que, ao mesmo tempo, tece-se na interação (projetando discursos futuros).

A conversa que motivou o enunciado *nem precisa ir até em cima para criar os gominhos* é um gênero discursivo oral que permitiu o uso do signo ideológico *gominhos* para referir-se a *músculos reto abdominais*⁶ porque esse uso está construindo o signo ideológico a partir do componente linguístico e gestual, uma vez que, ao falar, o menino apontava com as mãos em garra para a barriga. Talvez *gominhos* seja uma forma coloquial para se referir aos músculos do abdômen; o ponto é que ouvindo, isoladamente, o signo ideológico *gominhos* não somos capazes de construir o sentido que aquele garoto, naquela praça específica, meio àquela situação enunciativa concreta pretendeu veicular.

É nesses termos que a teoria bakhtiniana nos orientar a observar os sentidos entrelaçados à sua situação de produção. Só ali esse signo ideológico pode ser valorado como *músculos reto abdominais*. Pontualmente ali, esse signo ideológico tem sentido; ou pelo pelos podemos falar em compreensão ativa do sentido veiculado, uma vez que a palavra *gominho*, por exemplo, tem em sua sistematização as seguintes possibilidades de significação linguística: a) ser o diminutivo da palavra *gomo* (conforme o dicionário Aulete Digital – *gomo* é cada uma das divisões naturais da polpa de frutas como tangerina, laranja, carambola); b) ser usada coloquialmente para indicar os músculos do abdômen. Lembrando que

6. Conforme o endereço <<http://anatomiaonline.com/musculos/abdome/abdome.html>>. Acesso em 22 de dez. de 2016.

pode haver outros sentidos além destes. Vale pontuar também que as próprias acepções registradas nos dicionários advêm de outros discursos, justamente nos quais houve a recorrência do traço reiterável.

É no contexto – na situação enunciativa concreta, situada sócio-historicamente, com um *eu* e um *tu* definidos – que *gominhos* tem seu sentido construído: é músculo do abdômen e não divisão de uma fruta. É na relação entre dado (significação possível) e novo (elementos não verbais oriundos da interação: gestos, associações, entonação) que é possível construir o sentido que construímos e compreender ativamente o que aquelas pessoas naquele lugar falavam. É oportuno ressaltar que o “tu”/interlocutor também é responsável pela construção de sentidos daquilo que o “eu” enuncia, justamente nessa perspectiva é que eu pude quando ouvi o enunciado saber que *gominho* se tratava de abdominal e não de divisão de uma fruta, por exemplo.

Assim, quando situada nos pressupostos teóricos do Círculo, a compreensão do enunciado *nem precisa ir até em cima para criar os gominhos* leva em consideração os sujeitos, o momento enunciativo e a situação emotivo-volitiva edificada pelos parceiros da comunicação discursiva pontualmente nessa interação. Tudo isso tem como pano de fundo uma cultura que os envolve e adiciona a seus discursos toda tensão relativa aos atos comunicativos anteriores e também aos que são projetados nessa circunstância.

Considerar toda essa trama, identificar quem disse, para quem disse, como disse e em que circunstâncias o fez nos encaminha à compreensão dos possíveis sentidos veiculados – *possíveis* porque os ouvidos de quem observa também estão eles povoados de vozes que formam um centro emotivo-volitivo que recorta a situação observada.

Nas palavras de Delanoy *et al.* (2016, p. 134), as práticas de linguagem baseadas nas considerações bakhtinianas possibilitam a compreensão da linguagem em uso, o que nos leva a perceber que a linguagem não é neutra, uma vez que cada discurso diz mais do que aparenta, cada discurso traz em sua constituição vozes sociais que estão carregadas de valores. Dessa maneira, atividades de análise e reflexão como a mostrada neste artigo podem auxiliar no desenvolvimento das habilidades de leitura e compreensão de variados discursos.

Assim, atentando para as construções dos mais diferentes gêneros, com base em um aporte discursivo-dialógico, por exemplo, será possível fomentar um olhar crítico, direcionado para o todo, para o entendimento do funcionamento da linguagem, não visando a uma análise de estruturas somente, mas viabilizando a compreensão dos mecanismos de argumentação, de produção de sentidos em um movimento que pretende entendê-los meio aos fatos sociais.

As separações que se fizeram neste artigo entre dado e novo, entre elementos verbais e não verbais são classificações didáticas para mostrar a edificação dos sentidos. A compreensão crítica passa pela possibilidade de o aluno ler um discurso e ser capaz de entender que determinadas formulações da língua levam a possibilidades x de construção de sentido e não outras. Nesses termos, os saberes relacionados à linguagem devem servir para que o aluno distinga propostas de construção de sentido que podem levar a interpretações longe ou perto daquelas projetadas pelo locutor de um discurso – não para que ele seja um analista frio do sistema linguístico.

Conforme Bakhtin, ([1940] 2013, p. 24) toda a forma gramatical é um meio de representação, por isso todas as formas devem ser analisadas como possibilidades de representação e expressão. Tendo isso em consideração, o propósito das aulas de Língua Portuguesa, a meu ver, tem de presar pelo aumento do repertório de usos languageiros do aluno, no sentido de que ele possa se movimentar em diferentes esferas discursivas, estando seguro das construções de sentido que ele projeta e em relação às quais ele é exposto. Essa consciência contribui para sua habilidade discursiva e argumentativa.

Conclusão

A teoria bakhtiniana possibilita observar a linguagem em uso porque requer a análise dos elementos linguísticos junto a seu contexto de uso – sublinhando a dinamicidade da linguagem; sua “plasticidade”. Nesses termos, podemos pensar que as próprias regras gramaticais, por exemplo, são repletas de exceções justamente porque é necessário, até mesmo na aplicação de uma regra, observar as especificidades de cada emprego.

Existem muitas teorias linguísticas. O viés de análise cresce com todos os tipos de interface que a ciência possibilita, fazendo-nos perceber que um objeto complexo como a linguagem necessita de diferentes ângulos de observação. Como vimos, a teoria bakhtiniana oferece um aporte metodológico para se pensar os seus fenômenos; nem melhor nem pior, apenas um ponto de vista dentre tantos outros.

Sabendo que nenhuma teoria contempla integralmente um objeto de investigação, é que o professor de Língua Portuguesa tem de conduzir sua prática docente. O caminho das práticas escolares tem mais a ganhar com a pluralidade de abordagem: mostrar diferentes tipos de análise pode apresentar a face múltipla dos elementos; sua dimensão criadora, no sentido de que a combinação en-

tre dado (elementos reiteráveis, de significação) e novo (carga emotivo-volitiva; tonalidade que o contexto dá; sentido criado a partir dos elementos reiteráveis) é ilimitada porque é tecida com diferentes fios vindos do sistema, do contexto, dos sujeitos, da cultura.

Assim sendo, essa teoria possibilita pensar o discurso, compreender seus sentidos e problematizar em que medida eles se amarram aos fatos sociais. Nesses termos, o professor de Língua Portuguesa tem a oportunidade de trabalhar diferentes temas transversais; questões culturais; aspectos contemporâneos a partir de gêneros discursivos pertinentes em determinado contexto escolar.

Outra questão é que pode haver uma prática pedagógica de diálogo em que professor e aluno vão compreendendo juntos como determinados sentidos foram edificados; por que certos sentidos cabem e não outros. Nessa perspectiva, podemos ter um espaço de interlocução interessante para observar/refletir/analisar criticamente, e de modo envolvente, o fenômeno da linguagem.

Dessa maneira, tenha – talvez – mais sentido entender as próprias categorias linguísticas. Podemos, por exemplo, explorar na prática escolar qual a relevância discursiva de usar uma conjunção x ou y; por que pontuar dessa ou de outra maneira trechos escritos para comunicar x ou y. Ver a língua/linguagem em uso, partir de exemplos do cotidiano, de estruturas discursivas usadas pelos próprios alunos pode, quem sabe, convidá-los a analisarem outras fontes para construir a ideia de que a linguagem é sempre própria da esfera em que aparece.

Como aponta Bakhtin ([1940] 2013, p. 43), o sucesso da missão de ensinar a percepção dos fenômenos da linguagem a partir de uma perspectiva viva e criativa exige diversidade de formas e métodos de trabalho, flexível e cuidadosa. Quando o professor está instruído sobre a diversidade de teorias para observar a linguagem, é possível integrar ao seu fazer docente análises baseadas em vieses oportunos para discorrer sobre determinados fenômenos, ao mesmo tempo em que encontra apoio teórico para fundamentar as reflexões que surjam dos debates.

Nesses termos, o professor tem a oportunidade de demonstrar, por exemplo, que as palavras são como indicadores sensíveis das mudanças sociais. Isso porque elas são capazes de deixar ver tais movimentos, pois são capazes de lentas acumulações quantitativas, uma vez que fixam as fases “transitórias das mudanças sociais, por mais delicadas e passageiras que elas sejam” (VOLÓCHINOV, [1929] 2017, 106-107).

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. Apontamentos de 1970-1971. In: _____. *Estética da Criação Verbal* (1979). Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. Gêneros do Discurso (1952-1953). In: _____. *Estética da Criação Verbal* (1979). Trad. Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. *Problemas da poética de Dostoiévski* (1929). Trad. Paulo Bezerra. 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. *Para uma filosofia do ato responsável* (1920-1924). Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- _____. *Teoria do romance I*. Trad. Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: 34, 2015.
- BAKHTIN, M/VOLOCHÍNOV, V.N. *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929). Trad. Michel Laud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2009.
- _____. *Questões de estilística no ensino da língua* (1940). São Paulo: 34, 2013.
- BAJTÍN, M; VOLOSHINOV, V. ¿Qué es el lenguaje? In: SILVESTRI, A; BLANCK, G. *Bajtín y Vigotski: la organización de la enunciación*. Barcelona: Antropos, 1993.
- BARBISAN, Leci Borges. Do signo ao discurso: a complexa natureza da linguagem. In: FIORIN, José Luiz [et al.]. *Saussure a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- BARBISAN, L.B; BARBOSA, V.F; GONÇALVES, T.M. A Teoria da Argumentação na Língua e o trabalho do revisor de textos. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.50, n. 3, p. 352-359, jul-set. 2015. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fo/ojs/index.php/fale/article/view/19498/13805>>. Acesso em dez de 2016. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2015.3.19498>.
- BUBNOVA, Tatiana. Prólogo. In: *Yo también soy: fragmentos sobre el outro*. Bajtín, Mijaíl. Buenos, Aires: Ediciones Godot, 2015.
- DELANOY, C; GONÇALVES, T.M; BARBOSA, V.F. Construção valorativa de fatos sociais: a multiplicidade de discursos. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v.51, n. 1, p. 127-135, jan-dez. 2016. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/21689/14346>>. Acesso em jun. de 2016. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2016.1.21689>.
- DEPECKER, Loïc. *Compreender Saussure a partir dos manuscritos*. Trad. Maria Ferreira. Petrópolis, Vozes, 2012.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix: 1999.
- _____. *Escritos de Linguística Geral*. Trad. Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2012.
- VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e Filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. (1929). Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: 37, 2017.